

S. Tomás de Aquino.

28 de Janeiro / 7 de Março

Lat.: Thomas de Aquino. Thomas Aquinas. It.: Tommaso d'Aquino. Fr.: Thomas d'Aquin, Ingl.: Thomas Aquinas. Al.: Thomas von Aquino. Rus.: Toma Akvinski.

A vida de Tomás era muito simples, ocupada apenas pelas tarefas de frade e de universitário. Quanto ao seu aspecto, era corpulento, louro e um pouco careca. Mas, pacífico e calmo, simpático e alegre, ponderado, sóbrio e sensato, modesto e perspicaz. *Os colegas achavam que o Espírito Santo estava com ele, porque era naturalmente jovial, doce e afável, comunicando alegria em todos os que o viam.*

Tomás de Aquino vinha da mais alta nobreza. Seu pai era o conde Landolfo de Aquino. Tomás Somacla, tenente-general do imperador, Frederico I, o Barbarroxa, (1125-1190) casara com Francisca da Suábia, irmã do imperador. O filho Landolfo de Aquino era, pois, sobrinho do Barbarroxa e casou com D. Teodora de Theate, do ramo Rossi da família dos Caraccioli, descendente de normandos, conquistadores da Sicília. Deste casamento, nasceram 8 ou 9 (?) filhos. Tomás era o 4º rapaz e o 7º filho (?), sobrinho neto do Barbarroxa e 2º primo de Frederico II, imperador, neto do Barbarroxa. Embora não se saiba ao certo, terá nascido no castelo de Roccasecca, a norte de Nápoles, principal morada da família, pelos anos de 1224/25.

A lenda refere que, já na mais tenra infância, se manifestaram alguns prodígios incomuns que acabariam por marcar e influenciar a sua vida. O seu nascimento e percurso de vida teriam sido preditos a sua mãe grávida, em sonhos, por um santo eremita da região chamado Bonus. E, de tenra idade, revelara já um particular afecto à Virgem Maria.

A mãe do santo foi a banhos, com outras damas, a Nápoles, e mandou vir o filho com a ama. Sentado no lugar habitual, encontrou um pequeno papel, que agarrou. Ao despi-lo, tentando a ama abrir a mão que encerrava o papel, a criança, protestando, pôs-se aos berros. Para o acalmar banhou-o, secou-o e vestiu-o, enquanto ele manteve o punho sempre cerrado, e levou-o assim à sua mãe. A mãe, apesar dos gritos, abriu-lhe a mão e tirou-lhe o papel onde leu estas palavras «Ave-Maria». (Tocco c. IV) E, como não deixasse de choramingar, entregou-lho. Então, pondo-o na boca, rasgou-o, com suas tenras gengivas e comeu-o. Perceberam, assim, que o menino, com o leite materno, mamava o amor à Virgem puríssima. Também se diz que, quando, raramente, chorava, o remédio era dar-lhe algum livro, para poder folhear.

Aos cinco anos terá sido levado ao mosteiro de Montecassino, o mais famoso dos mosteiros que S. Bento fundara em 529 e onde jazia. Fora admitido, como oblato, em 1230, com 5 anos, pelo abade Landolfo Sinibaldi, seu tio. Os outros irmãos seguiram a carreira militar do pai, em fidelidade ao imperador, seu parente. Para Tomás procuravam um lugar condizente com a sua condição, um benefício eclesiástico, talvez o lugar do seu já velho tio.

Landolfo de Aquino, fiel à bandeira imperial, atacou um mosteiro, considerado baluarte do Papa. Depois – quem sabe! Porventura, a conselho do próprio Papa, acabaria por enviar o filho Tomás para o governar (?). Deste modo, tudo se conjugava para que Tomás se tornasse monge em Montecassino. Ao contrário, o jovem alheava-se, mais, dessas estratégias mundanas.

Normalmente calado, meditava muito. E, certo dia, inesperadamente, perguntou aos seus superiores: “Que é Deus? De facto, era só isso que o ocupava, permanentemente. Como confessaria num dos seus livros, adoptara, como lema para a vida, a divisa de S. Hilário de Poitiers (300-368): «*Devo a principal ocupação da minha vida a Deus, para que todas as minhas palavras e todos os pensamentos falem d’Ele*» (cf. De Trinitate). Apesar do seu habitual silêncio, manifestava-se nele uma grande inteligência, de modo que o abade de Montecassino recomendara ao pai que o enviasse para a universidade. Entretanto, outro dos filhos, que se alistara nos exércitos do Papa, acabaria por ser detido, pelas tropas imperiais, e executado pelo imperador, causando perturbações na família.

Não se acomodando ao ambiente turbulento e conflituoso de Roccasecca, em 1239, com 14 ou 15 anos, foi para a universidade de Nápoles, fundada por um primo imperador. Aí continuou os seus estudos e conheceu o movimento revolucionário dos mendicantes que o

atraiu. Foi através de Frei João de S. Giuliano, que abraçou o ideal da ordem dos Pregadores. E, em Abril de 1244, tomou hábito, das mãos de outro dominicano, Frei Tomás de Lentini.

Muito se falara da sua entrada em Religião, em Nápoles. Uns murmuravam que foram os frades que o enganaram, outros, que os pais consentiram, e outros leviandade pueril. Enfim, não faltaram, apesar disso, os que, com o seu exemplo, se decidiram seguir o mesmo caminho. Quando a mãe o soube, acorreu a Nápoles, para ver seu filho. Não se sabendo bem ao que vinha e porquê e, desconfiando Tomás do efeito que nele poderiam ter, as palavras e afectos da mãe, supõe-se que solicitara ao prior, que o levassem para outro sítio, pois não desejava avistar-se a sós com ela. Outros insistem que a mãe de S. Tomás, sabendo da entrada do seu filho na ordem e como lhe tinha sido profetizado, terá vindo a Nápoles para o confirmar na sua escolha. Mas os nobres da cidade estavam demasiado surpreendidos que deixasse a casa paterna e desprezasse tão alta posição social, tomando o hábito de uma Ordem mendicante. Os irmãos da Ordem, pelo contrário, agradeciam a Deus tão excelente dom e benefício. No entanto, os de Rocca, sabendo disso, falaram à mãe e, com ela, dirigiram-se imediatamente a Nápoles, pretendendo avistar-se com Tomás. Os frades, ignorando as boas disposições, consideraram Teodora perturbada pelos seus sentimentos maternos. Entretanto, enviaram o noviço de Terracina a Ananie e ao convento de Santa Sabina em Roma, acompanhado de outros irmãos experientes. Pressionada pela afeição maternal e privada da vista de seu filho, Teodora, verificando a sua ausência, foi a Roma, anunciando que o queria ver, a fim de se certificar da sua escolha. No entanto, os frades que não o imaginaram capaz de tal força de alma que dominasse o instinto materno, montaram à volta do jovem uma guarda vigilante e, com medo de o verem capturado, determinaram que se recolhesse, com segurança, em Paris. Assim partiu para Paris, com o Mestre geral da Ordem, frei João de Wildeshausen, chamado “o Teutónico” e terceiro sucessor de S. Domingos no cargo (1241-1252).

A mãe que seguira até Roma, também não o encontrou aí. A indignação da mãe foi tal que, apelando ao Papa e ao Imperador, mandou a dois dos irmãos seus interceptar e, se necessário, raptar o jovem noviço dominicano que viajava a pé, com vários confrades. Este é o célebre rapto, que tem diversos episódios. Escreveu aos dois filhos Landulfo e Arnaldo (soldados do exército do Imperador Frederico II) e encarregou que vigiassem os passos do seu irmão, Tomás, no caminho de França e que o apanhassem e lho enviassem. Vigiando ruas e lugares, descobriram o seu irmão, repousando junto a uma fonte, com quatro membros da sua Ordem. Então, prenderam Tomás e enviaram-no à mãe. Os soldados quiseram tirar-lhe o hábito, mas Tomás resistiu, com tanta determinação que o hábito acabou por desfazer-se em pedaços o que lhe causou muitas lágrimas. Quando Tomás chegou a casa, foi tal a alegria da sua mãe, sobretudo por ter vencido e, também, por ter agora às suas mãos o filho e, sem grandes dificuldades, poder fazer dele o que quisesse. Usou todos os meios e artifícios, para persuadi-lo a deixar o hábito, misturando afagos e ameaças, promessas e sustos, lágrimas e raiva, tudo aproveitando para o seu propósito. O santo filho olhava-a como Mãe, respeitava-a como senhora e respondia-lhe com modéstia e verdade, contudo notificava-a que estava mais obrigado a obedecer a Deus que a ela e que se achava preparado para os bons e maus tratamentos que por isso lhe adviessem.

Fechado sob alta vigilância, privado da luz do dia e de autonomia de movimentos, ele colocara a sua liberdade nas algemas e a sua luz nas trevas. Oprimido fisicamente, libertava-se espiritualmente. Deus iluminou-o com tantos raios sobrenaturais que, na sua prisão, leu integralmente a Bíblia, aprendeu as Sentenças, comentou, segundo se diz, o Tratado dos Sofismas de Aristóteles e instruiu as suas irmãs nas Sagradas Escrituras, prenúncios do seu ensino futuro. E os seus ensinamentos deram frutos na irmã, que os pais tinham enviado para amaciá-lo. Pelas suas lições e exemplos, conduziu-a ao amor de Deus e ao desprezo do mundo. Ela tomou, por isso, o hábito religioso de S. Bento e a sua probidade e méritos de sua vida, valer-lhe-iam ser eleita abadessa do mosteiro de Santa Maria de Cápua.

A fim de autenticar a graça da sua vocação com obras, Tomás entregou-se inteiramente à oração, à leitura e à contemplação. Nenhuma sugestão, nenhuma tentação, nenhuma ameaça, nenhum medo, nem nenhuma das coisas que confrontam habitualmente a coragem de pessoa aguerrida que era, nada disso desviava o jovem. Pelo contrário, cada ferida recebida no combate aumentaria as suas forças.

Ao regressarem da guerra, os dois irmãos Landulfo e Arnaldo, ao verem sua mãe tão molestada, as irmãs tão desconsoladas e Tomás, a seu ver, tão obstinado, como soldados bravos que se tinham, quiseram conduzir aquele assunto por mãos próprias. E, após terem dito palavras grosseiras e injuriosas ao irmão, puseram nele as mãos, maltratando-o e, à força, tirando-lhe e rasgando-lhe o hábito, levando-o preso, com boa guarda, à Fortaleza de Roccasecca, onde o torturaram. Aceitou a prisão com a sua acostumada calma, pois que, afinal, com isso, só lhe permitiam continuar o que ele mais estimava: filosofar, fosse numa cela ou numa masmorra.

Agenciaram com uma mulher, moça e lasciva, com grandes recompensas, que, a sós e com boas palavras e carícias, o conduziu ao mal. Por uma vez só na vida, Tomás terá ficado fora de si. Só por desfaçatez e desplante, os seus próprios irmãos introduziram na sua cela isolada e fechada uma vulgar cortesã. Com que intenção? Forçá-lo à turbação de uma tentação ou provocar um escândalo, a fim de arruinar o edifício moral que edificara para si? A sua imediata reacção justificava-se até porque os seus irmãos – nunca o pensaria – bem deviam saber que o que planearam não se lhe ajustava, por ser torpe grosseria. Fora injúria à sua honra, agravada por vir de quem vinha. Depois de ter aconselhado a mulher das razões da sua grande desvergonha e vendo que não se afastava, antes o assediava descompostamente e importunava mais, lançou mão de um tição de fogo, da lareira, para a afastar de si e ver-se assim livre da diabólica insídia. Que julgaria a mulher que era ele, ao ver a grande e pesada figura, em agitação, a avançar para ela, com um tição de lume na mão brandindo-o como uma espada de fogo? Naturalmente, gritou e fugiu, aterrorizada com aquele louco, de estatura monstruosa, agitando chamas como se fosse deitar fogo à casa. Foi o que fez, correndo atrás dela até lhe fechar a porta e trancá-la, lançando o tição ao lume e sentar-se na sua cadeira de contemplação.

Assim rezando e chorando, adormeceu rapidamente e eis que dois Anjos lhe foram enviados para lhe assegurar ter sido ouvido por Deus, na vitória de um combate tão difícil. Eles o tomaram de cada um dos lados pelos rins e disseram-lhe *“Da parte de Deus e a teu pedido, te cingimos com um cinto de castidade que nenhuma força te poderá arrancá-lo. Aquilo que a virtude humana não pode atingir pelo seu mérito, te é oferecido em dom pela generosidade divina”*. Nunca ele sentirá que este cinto foi forçado intimamente. Isso será confirmado pelo testemunho muito seguro dos seus confessores à hora da morte. Ele sentiu fisicamente esse aperto angélico e acordou num sobressalto com clamor. E, porque se inquietaram com os seus gritos, nunca nada quis revelar deste dom de Deus. Mantê-lo-ia escondido ostensivamente até à morte. Confiaria apenas ao seu companheiro e seria este que o contaria muitas vezes como exemplo, para louvor de Deus e recomendação dos santos.

«Oh bem-aventurada cela exígua onde flameja tal esplendor de inteligência! Oh salutar esportes que contribuem tanto à livre contemplação dos Céus! Oh tentação benéfica, em que o inimigo quer levar à queda e que jorra, com a assistência divina, em triunfo da força vitoriosa na luta! Oh provas manifestas e consumadas dos méritos da sua vida e da sua santidade! Aguerriado na sua sensibilidade e lutador indomável, ele não pôde ser amolecido pelas delícias, nem quebrado pelas afrontas! Oh atleta viril e soldado triunfante! Ele submete o antigo e servil demónio, consegue uma vitória insigne num tão difícil combate e mostra-se digno da coroa em todos os outros! Oh bem-aventurado peregrino e hóspede do século, tu conquistaste o título de cidadão do Céu e mereces, por dispensa divina, ver os seus concidadãos: tu que a sociedade dos Anjos não renega quando estás cingido de castidade, tu digno de um Anjo pela tua pureza enquanto te bates na Terra pela tua virgindade!»

O Senhor escolheu Tomás para ser exemplo de castidade. Esteve dois anos neste cárcere, abandonado pelos seus e favorecido por Deus, afastado dos homens e mimoseado pelos anjos, sofrendo por causa dos seus irmãos e da sua mãe (mulher, cristã e mãe) o que os santos costumam padecer às mãos dos tiranos e dos inimigos de Cristo. Mas o Senhor, por cujo amor padecia, o fortalecia e dava gozo nos seus sofrimentos e alegria nas suas penas e o ocupava com a oração, contemplação e estudo. De vez em quando (com muita cautela e segredo e alguma negociação), Frei Julião o visitava, levando debaixo do seu manto, alguma túnica e hábito para vestir e alguns livros para estudar. E para lá dos gostos espirituais e fruto da alma que o santo obteve neste cárcere, foi coisa admirável o que nas ciências aproveitou. Porque embora carecido de preceptores que o ensinassem, foi o próprio Deus o seu mestre e os próprios padecimentos que sofria, por amor, o habilitavam e disponham a ser ensinado por ele.

Passados cerca de dois anos na prisão, vendo a mãe a constância do seu filho e compreendendo agora que se tratava de assunto de Deus, acabara por perder a esperança de o poder conquistar. Continuaram as propostas mais mirabolantes para o convencerem a desistir, ou a de manter o hábito dominicano, a fim de poder ser abade beneditino de Montecassino e até arcebispo. A mãe e os irmãos (o pai teria morrido) não só não o conseguiram demover dos seus intentos, mas começaram a ter atitudes mais flexíveis e, dissimuladamente, permitiram que as duas irmãs o soltassem e o descessem por uma janela da torre onde se encontrava.

A sua mãe prudentemente compreendeu que devia cumprir em seu filho a predição do eremita inspirado do Espírito divino. Pois ela temia menos afrontar a perseverança do seu filho do que a Providência divina. Com prudente disfarce, ajudou-o a descer ao longo de uma corda pela janela do castelo. Os frades, prevenidos, receberam-no com alegria e conduziram-no a Nápoles.

Os frades, secretamente, já estavam preparados para recebê-lo. Receberam-no como um anjo do céu e tendo-o nas suas mãos, nem pareciam acreditar que o tinham. Levaram-no dissimulado para Nápoles, onde professou aos 17 anos de idade. Por isso, e como a sua Ordem já apelara ao papa Inocêncio IV (1243-54) para recuperar o noviço, Tomás acabou por ser liberto no Outono de 1245 e entregue aos confrades. Pôde então finalmente dirigir-se a Paris para estudar.

Um momento decisivo da sua vida deu-se em 1250, quando aos 25 anos foi ordenado sacerdote. Aquilo que ele haveria de escrever sobre a sublimidade da Eucaristia foi desde então vivido na primeira pessoa, quando começou a celebrá-la todos os dias. As crónicas falam da profunda contemplação e fervor com que celebrava, com muitas lágrimas, longos momentos de afastamento e absorvimento e até, levitação no ar. Dizia-se que, com frequência, chorava durante a celebração da missa, como se estivesse no Calvário. Temos algumas orações que compôs precisamente para o momento da elevação do Santíssimo Sacramento.

Paris era nesta altura a melhor e mais viva universidade do mundo. Lá ensinava o frade Alberto, o Grande (1200-80), também dominicano. Alberto Magno provinha da família dos condes de Bollstädt e era um professor tão famoso (Doctor Universalis) que tinha de dar aulas numa praça, por ser enorme a multidão que o queria ouvir. Essa praça parisiense ainda hoje se chama “praça Maubert”, corrupção de “Magni Alberti”. Fora a esse centro do saber que chegou o silencioso jovem italiano, que por ser grande era conhecido entre os colegas como “boi mudo”.

«Quanto à disposição natural do seu corpo e do seu espírito, já se disse que era grande de corpo, de uma estatura alta e direita, que correspondia à rectidão da sua alma. Era louro como o trigo, indício do seu temperamento bem equilibrado. Tinha uma cabeça grande como exigem os órgãos perfeitos e pedem as faculdades sensíveis ao serviço da razão. O cabelo era um pouco raro» (Tocco c. XXXVIII). A mãe do seu sócio, Reginaldo, contava que “quando Tomás passava nos campos, o povo que estava ocupado a trabalhar a terra, abandonava os seus trabalhos e precipitava-se ao seu encontro, admirando a estatura impressionante do seu corpo e a beleza dos seus traços humanos. Eles iam à sua frente, mais por causa da sua beleza e corpulência do que por causa da sua santidade de vida ou nobreza de origem”¹.

Desde que chegou à Universidade, ouvindo mestre Alberto ensinar com tanta profundidade e originalidade, o jovem alegrou-se por, enfim, ter encontrado um tesouro capaz de saciar o seu desejo. Para manifestar que chegara ao que buscava, manteve-se espantosamente silencioso, assíduo ao estudo e fervoroso na oração, memorizando interiormente tudo o que transmitiria depois no seu ensino. Protegido pela sua admirável simplicidade recebia com fascínio as lições do Mestre e as infundidas pela misericórdia divina. Os seus discípulos deram-lhe então a alcunha de «o boi mudo», ignorando que os mugidos do seu ensino, em breve, viriam. O seu mutismo exterior tornou-se eloquente no pensamento, para seu grande ganho e benefício de todos. Calando-se, ele não foi prejudicado por nenhuma palavra exterior e adquiriu mais rapidamente os hábitos da ciência. Como progredia em silêncio, todos ignoravam o seu avanço.

Mestre Alberto começara a explicação do Tratado «Dos Nomes Divinos» do Pseudo-Dionísio que Tomás escutava com a maior atenção. Ignorando a potência intelectual que se escondia nele, um colega

¹ Cf. Laurent Marie-Hyacinte “Un Légendier dominicain peu connu”, *Analecta Bollandiana* 58, 28-47, p.43, 1940

teve compaixão e propôs-lhe amavelmente rever com ele a lição. Tomás aceitou e humildemente agradeceu. O ingénuo tutor, bem-intencionado, enganara-se. Pois que tendo a oportunidade para se exprimir, Tomás apresentou claramente a lição e completou-a, juntando muitas coisas que não tinham sido ditas pelo Mestre. Foi bem o modo que a divina Providência encontrou, para Tomás se manifestar e falar por ocasião da leitura do livro dos “Nomes Divinos”. O próprio Deus lhe ofereceu a oportunidade de esclarecer a doutrina dos Seus nomes desde essa leitura, e de aperfeiçoá-la até ao fim da sua vida.» (Tocco c. XIII). Cheio de admiração, o colega pediu-lhe que passassem a rever juntos, as lições para progredirem mutuamente. Tomás aceitou, mas na condição de ele não o revelar a ninguém, para poder continuar na sua discreta simplicidade. O condiscípulo concordou, mas depois censurou-se gravemente por ter guardado silêncio e confiou ao mestre ter descoberto em Tomás um tesouro insuspeitado de sabedoria.

O seu génio de jovem estudante era tal que, em 1248, Mestre Alberto, encarregado de ir fundar estudos universitários em Colónia, embrião da futura universidade que nasceria em 1388, levou-o consigo. Em Colónia, continuou os seus trabalhos, ajudando o seu professor no ensino da Bíblia e nas Sentenças de Pedro Lombardo.

Tomás ensinou em Paris, Bolonha, Roma e Nápoles, espargindo raios de luz e doutrina nessas universidades e escrevendo para todo o mundo, fulgindo sobre notáveis académicos, como um sol que com o seu brilho escurece as estrelas. É que a sabedoria de S. Tomás foi tão esclarecida, soberana e divina que os grandes génios ficavam boquiabertos. Pois não havia, na Teologia e Filosofia, assunto difícil que não aplanasse ou obscuro que não aclarasse ou encoberto que não descobrisse, tratando-o com brevidade e clareza e em tantas sentenças. O que outros doutores não obtinham com muitas palavras, Tomás alcançava com poucas, dizendo muito e com substância, clareza, distinção, disposição, relação e conexão das coisas entre si, tão admiráveis que, como a luz corporal, parecia que era luz própria, com que se há-de ver e entender, a sua doutrina. Além disso, tão fundada, firme e segura que impedia tropeçar e cair.

Sob a disciplina deste santíssimo doutor, Tomás manteve-se alguns anos e dele aprendeu a sua teologia. Muito humilde, obediente e devoto, modesto e calado, fugia de diversões e conversações, entregando-se à oração. E, no resto do tempo, lia, ouvia e estudava, meditando com grande atenção o que tinha lido e ouvido. E andava embebecido nisto. Tinha-se imposto leis tão rigorosas de silêncio que não dizia palavra, de tal modo que os outros frades, seus condiscípulos, vendo que sempre se calava e que era obeso e largo de sua compleição, lhe chamavam o boi mudo². E esse recolhimento e silêncio era atribuído por muitos, erradamente, à dureza e falta de génio.

«Os noviços são sempre noviços. Tinham-lhe dado a alcunha de “o boi mudo da Sicília”. Pregavam-lhe partidas, brincando com a sua calma imperturbável e a sua confiança imediata. Só uma vez ele respondeu. Tinham gritado à sua janela: “Frei Tomás! Frei Tomás! Venha depressa... ver um boi a voar!”. Obedientemente, ele veio à janela, e foi recebido à gargalhada. “Acreditou! Acreditou! Palermo! Palermo!”. E Tomás disse imperturbável: “Prefiro acreditar que um boi pode voar do que um Dominicano possa mentir”. E o riso acabou.» (Louis de Wohl p. 199).

Contudo, em algumas ocasiões oportunas e com os exercícios ordinários de conferências, conclusões e disputas, próprias dos estudos, depressa os desenganaram. Tomás deu tais provas de argúcia e profundidade do seu génio que Alberto Magno, admirado, disse: *Chamais, a este, boi mudo?! Ora se ele viver dará tais bramidos que se ouvirão por todo o mundo!*

Assim prognosticou o que haveria de ser aquele seu grande discípulo e a luz que, com o seu génio e doutrina havia de dar a toda a Igreja. A partir de então começaram todos os frades a olhá-lo com outros olhos e a estimar a sua capacidade e profundidade, a admirar o seu trato e a sua virtude e a compreender que tão grande ciência, como a que possuía, era mais comunicação do céu que estudo. Pois que ninguém seria capaz, em tão pouco tempo, chegar a tal nível de sabedoria, sem especial protecção e favor divino. Por isso, respeitavam e honravam S. Tomás. Mas ele não se envaidecia, antes, com uma profunda humildade, quanto mais o traziam nas palmas, mais ele se sujeitava e se punha a seus pés. Por outro lado,

² Não será por isso que, no presépio, junto ao menino se colocou o boi e o burro? S. Francisco, a si mesmo, se chamava burro. Há outras legítimas interpretações!

era tão genial e de largueza de vistas que, nos assuntos que eram tratados, descobria novas e graves dificuldades, difíceis de resolver.

Depois de ter estado o tempo que lhe pareceu necessário, em Colónia, ouvindo Alberto Magno, regressou a Paris, cumprindo a vontade da sua ordem e dos seus superiores. Aí S. Tomás graduou-se bacharel em teologia e tornou-se lente do Mestre das Sentenças, com tão grande clareza, distinção, subtileza e resolução que não houve nunca quem se lhe comparasse. Prosseguiu a sua leitura e exercícios escolásticos até se graduar em Mestre, o que aconteceu por obediência ao seu Prelado, com alguma tristeza e timidez, pois era tão humilde e tinha-se por tão indigno, como se fosse o mais inábil homem do mundo. Como de costume procurou refugiar-se na oração. Mas o Senhor que desejava pôr a descoberto, os tesouros escondidos e colocá-los à disposição da Igreja, como se põe a tocha no candelabro, consolou-o e animou-o com sonhos nessa noite.

Em 1252 regressou a Paris como “bacharel sentenciário”, preparando o doutoramento, sobre “Comentários às Sentenças de Pedro Lombardo”. Nessa altura a vida intelectual em Paris estava muito agitada, por duas questões: o ensino das obras de Aristóteles, não aceites pelos professores mais conservadores e o embate entre mendicantes e os outros mestres, sacerdotes seculares, na divisão e número de cátedras. Franciscanos e dominicanos, chegados há poucas décadas, eram cada vez mais procurados pelos alunos, enquanto os velhos professores não os queriam promover.

Alberto debateu um dia uma questão difícil e frei Tomás redigiu um apontamento da aula. Por acaso, um estudante encontrou-o no chão junto à sua cela e mostrou-o com alegria ao Mestre de estudos que a leu. Este louvou o furto feliz e pensou que de um silêncio tão persistente e de um comportamento tão simples e transparente não podia deixar de germinar qualquer coisa de grande no segredo da Graça. Encarregou então o Mestre a Tomás de responder, no dia seguinte diante de todos, a uma questão muitíssimo difícil, o qual, embora pela humildade não o quisesse fazer, o fez, todavia, pela obediência. Dirigiu-se então ao seu lugar habitual de oração e recomendou-se humildemente a Deus com vista a passar este primeiro exame escolar com a ajuda divina, preparando-se para a prova do dia seguinte.

«Chegado o momento Tomás faz preceder os argumentos de uma distinção que respondia inteiramente à questão. O Mestre diz-lhe: “Frei Tomás, tu pareces tomar não o lugar do interlocutor, mas o de professor”. E ele respondeu com reverência: “Mestre, não vejo como abordar este problema de outra forma”. Alberto confirmou então: “a tua distinção resolve efectivamente a questão”, mas acrescentou-lhe quatro novos argumentos tão difíceis de serem respondidos e pensou que com isto tinha posto termo à questão. Frei Tomás respondeu-lhes amplamente e Mestre Alberto foi tomado por um sopro profético para dizer: “Nós chamamos a este jovem ‘boi mudo’, mas ele ainda dará tamanho mugido com a doutrina que soará em todo o mundo”. A profecia realizou-se: o seu ensinamento está difundido entre os fiéis do mundo inteiro e a Igreja é ensinada pelas suas palavras.

Apesar de tal sucesso escolar, o jovem, enraizado na humildade de coração, não caiu no orgulho espiritual. Não mudou nada à simplicidade dos seus hábitos e conservou o mesmo modo de vida, antes como depois. O Mestre, a partir de então, passou a submeter-lhe todas as dificuldades escolásticas e ele resolveu-as melhor que todos.

Apareceu-lhe, em sonho, um velho venerável de aspecto grave e brando que lhe perguntou qual era o motivo da sua tristeza e pranto. Tomás respondeu que o mandavam tomar o grau de doutor e ele não se sentia capaz para tal. A isto, o velho respondeu que confiasse em Deus, pois que não sendo por sua vontade, nem por ambição, era Deus que o queria e o mandava pela boca dos seus prelados. E que a obediência num religioso era muito poderosa e eficaz para alcançar grandes favores do Senhor. E, para o acto que faria para obter o grau, atendesse às palavras do Salmo: *Da vossa alta morada regais os montes e a terra é saciada com os frutos das Vossas obras (Sl 103 /104, 13)*. Com isto despertou com muito agrado e consolação. No dia seguinte, realizou o acto, com extraordinária admiração de toda a Escola.

«Em seguida, Alberto abordou as questões da Ética de Aristóteles. Frei Tomás anotou cuidadosamente as lições do Mestre e redigiu-as de forma eloquente, profunda e subtil, como quem dá brilho à fonte de tal doutor, que ultrapassa em saber toda a sua geração.

Quando Tomás regressou a Paris, Alberto pediu a intervenção do cardeal Hugo de Saint-Cher (1200-1263), antigo e reputado professor dominicano e legado do papa para a Alemanha, para que o doutoramento de Tomás fosse acelerado. Logo o próprio Alexandre IV, Papa (1254-61), recentemente eleito, interveio, em carta pontifícia, aplaudindo a decisão do chanceler de doutorar Tomás. Entretanto, as lutas acirraram-se com violência por parte dos alunos, a ponto dos debates académicos se tornarem batalhas campais. E, no Inverno de 1255-56, a situação veio a agravar-se, com alguns mendicantes agredidos, por estudantes, nas ruas de Paris. A violência quase que impediu o jovem dominicano de apresentar a sua lição inaugural, não fora a intervenção do rei Luís IX, (S. Luís de França: 1215-1270, rei desde 1226), ordenando a um grupo de archeiros a protecção das instalações para que as provas tivessem lugar. Apesar da sua lição inaugural na Primavera de 1256 e de continuar como habitualmente as suas aulas, a oposição académica manteve-se mais um ano, findo qual, a 15 de Agosto de 1257, Tomás de Aquino, juntamente com o colega franciscano S. Boaventura (1221-1274), foram, não sem relutância, admitidos ao Colégio dos mestres de Paris.

«Quando o tempo de estudo se esgotava frutuosa e plenamente, chegava o momento dos bacharéis em teologia serem apresentados ao chanceler da universidade de Paris. Adiantando-se ao período regulamentar, o chanceler pediu ao prior dos Pregadores de Paris para fazer saber de sua parte a frei Tomás que ele se devia preparar para receber o magistério em Teologia, sem se respeitar a ordem de antiguidade, que deveria ter feito passar outros antes dele. O jovem protestou humildemente, invocando a sua falta de conhecimentos e a sua idade. Mas não pôde escusar-se ao regulamento que obrigava obediência. Então, aceitando humildemente a carga que lhe era imposta, dirigiu-se ao lugar onde costumava rezar e, prostrado no chão, pediu a Deus, chorando, que lhe concedesse a graça e a ciência necessárias para receber e exercer o magistério, já que Ele o tinha coberto de graças, apesar da sua indignidade. Começou a rezar o salmo: “Socorro, Senhor, não há quem seja fiel, a lealdade desapareceu de entre os homens” (Sl 12 (11), 2). Depois de ter rezado e chorado muito tempo, adormeceu.

Acerca desta notável humildade diz-se que, quando o dito doutor estava no convento de Bolonha, andava sozinho pelos claustros em contemplação. Então, um certo irmão de outro convento, que não conhecia o doutor, veio a Bolonha e, pedindo, obteve licença do prior para levar o primeiro frade que encontrasse para o ajudar num assunto particular, na cidade. Encontrou Frei Tomás e disse-lhe: “Bom frade, o prior manda que venhas comigo”. E ele, inclinando a cabeça, seguiu-o. No caminho, como Tomás não conseguia andar depressa, o seu companheiro ralhava-lhe e ele humildemente pedia desculpa. Os cidadãos, que o conheciam, estranharam que um doutor tão importante seguisse um frade de baixa condição. Pensando que isso se devesse a um erro, perguntaram ao frade quem era aquele que o seguia. Ele então pediu muita desculpa a Tomás, pela sua ignorância. Os cidadãos juntaram-se à volta do Mestre com respeito e interrogaram-no sobre este notável exemplo de humildade. Ele respondeu-lhes então que a vida religiosa não se pode seguir senão na humildade, pela qual o homem se submete ao homem por amor de Deus, tal como Deus obedeceu ao homem por amor do homem.» (Tocco c. XXV)

Teve por concorrente, no mesmo grau, S. Boaventura, da ordem de S. Francisco que, juntamente com ele, recebeu o grau de mestre, pois que o Senhor reunira estas duas colunas firmes da Igreja, para que sustentassem a doutrina, edificando-a com o seu exemplo, defendendo-a das calúnias e severos afrontamentos que, por inimigos de toda a verdade e religião, se levantavam em Paris. Pois que, sendo novas aquelas ordens religiosas de S. Domingos e S. Francisco, em hábito, regra e profissão, eram tão santas e esclarecidas. E, alguns doutores daquela universidade, por terem tão fraca e deturpada visão, ficaram cegos com tanta luz. E, por isso, escreveram e publicaram livros contra a instituição que, aqueles gloriosos patriarcas para bem do mundo, trouxeram do céu. E, para corrigir os autores desta maldade, foram necessários, S. Tomás e S. Boaventura para que, saindo ao encontro dos seus inimigos, como bons filhos que defendem seus pais e irmãos de religião. S. Tomás realizou isto tão seguramente, com uma sabedoria tão profunda e divina, como se pode ver no que escreveu. Assim nasceu a

grande e estreita amizade entre S. Tomás e S. Boaventura porque eram muito parecidos e semelhantes na santidade e doutrina, génio e zelo da glória do Senhor e companheiros na sua defesa. Por isso se visitavam e comunicavam como verdadeiros e santos irmãos.

Um dia indo S. Tomás visitar S. Boaventura e encontrando-o ocupado a escrever a vida de S. Francisco, não o quis interromper, antes, regressou, sem o ver e comentou: deixemos o Santo trabalhar por outro Santo. Porque não se tinha como tão santo, conhecia bem a santidade de S. Boaventura e o serviço que se faz a nosso Senhor ao escrever a vida de santos, para que os outros os imitem, quando se faz do modo que fez S. Boaventura. Testemunha da grandeza do seu trabalho também veio de outros grandes santos, como S. Boaventura. «Tendo-lhe também sido encomendado pela Santa Sé que escrevesse um ofício para a festa do Corpo de Deus, ao ler apenas uma página dos trabalhos de Tomás, imediatamente tomou a sua obra (certamente também uma grande obra-prima) e queimou-a diante de S. Tomás. Quando o espantado Tomás lhe perguntou “Mas porquê?”, ele respondeu, “Porque não quero ter na minha consciência, Tomás, o que poderia ser um obstáculo entre o mundo e isto»³.

Um outro exemplo de humildade, sinal da perfeição, foi-nos relatado pelo testemunho verídico dos que estavam com ele em Paris. Um religioso tinha de se apresentar à tarde diante do chanceler com vista a obter o magistério, segundo o costume. Às questões que lhe eram colocadas, o candidato respondeu sustentando uma opinião contrária à verdade que frei Tomás tinha determinado nos seus cursos. Tomás reagiu com grande paciência, sem ver prejuízo no facto de ser contraditado por um mestre ainda noviço. Magnânimo, não fez caso do desprezo que lhe era endereçado. Com a alma tranquila e o verbo sereno, voltou ao convento com os companheiros da sua Ordem. Mas os estudantes e o companheiro de Tomás, não podendo tolerar a afronta que lhe tinha sido feita, disseram-lhe: “Mestre, nós fomos gravemente ofendidos na vossa pessoa. Este mestre não devia ter ido contra a vossa opinião, e vós não devíeis ter suportado esta afronta em presença de todos os mestres de Paris”. O mestre, sereno nas suas palavras, e ainda mais na alma, respondeu-lhes: “Filhos, pareceu-me que este novo mestre devia ser poupado durante o seu exame, e não ser confundido diante de todos os mestres. Eu não duvido da minha doutrina, quando a tenho solidamente fundada, com a ajuda de Deus, sobre as autoridades dos santos e sobre raciocínios conformes à verdade, porque um mestre a contradisse. Mas se os irmãos julgam de outra forma, amanhã poderei suprir o que hoje não fiz”. No dia seguinte, frei Tomás e os seus estudantes encontraram-se com os outros, no palácio de sua eminência o bispo, para a cerimónia. Como o candidato repetia as mesmas questões e as mesmas respostas sem lhes dar correcção, frei Tomás disse com a maior das moderações: “Mestre, a vossa posição não pode ser sustentada sem desprezo pela verdade, porque ela contradiz o concílio. Precisais de mudar de opinião, se não quereis estar em desacordo com o concílio”. Então o candidato pôs-se a formular o seu pensamento de outra forma, mas sem mudar de opinião. E o doutor interveio de novo e tornou a opor-lhe o texto do concílio. Acabou por conduzi-lo a confessar o seu erro e a pedir humildemente ao doutor que lhe fizesse conhecer mais profundamente a verdade. Frei Tomás disse-lhe: “Agora, falais bem”, e ensinou-lhe o que se devia defender como verdade. Todos os mestres admiraram a calma do seu espírito e da sua atitude. Ele tinha, de facto, confrontado um adversário da mesma forma como teria ensinado um aluno. (Tocco c. XXVI)

A distração de S. Tomás de Aquino tornara-se famosa. Múltiplas histórias a narram. Mergulhado em meditação ou na oração, o santo era capaz de ficar alheio a tudo à sua volta. Alguns casos curiosos são citados na sua biografia.

«Estando no seu quarto, enquanto ditava a sua Suma sobre os tratados da Trindade, com uma vela na mão, disse ao seu secretário: “O que quer que vejas acontecer-me, não me chames”. E enquanto mergulhava na sua contemplação, a vela foi consumida ao fim de uma hora, de tal maneira que a chama atingiu os seus dedos. Mas ele nada sentiu, apesar de ela estar longamente em contacto com os dedos. Suportou o fogo até à sua extinção sem fazer o menor movimento. (Tocco c. XLVII)

Reginaldo de Piperno, o frade companheiro e secretário, não servia só como discípulo para o mestre, de filho para o pai, mas como devoto perante o santo. Devia sem cessar fazer o papel de ama, devido à abstracção quase constante do seu espírito e dos frequentes êxtases que levavam a sua alma ao céu. Era preciso apresentar-lhe a comida necessária à subsistência enquanto estava assim absorvido e pôr diante dele o que devia comer, a fim de que não tomasse, por erro, na sua abstracção, qualquer coisa de perigoso.» (Tocco c. LXIII)

«A propósito desta abstracção mental e desta contemplação, maravilhosa e inaudita, conta-se que uma vez S. Luís, rei de França, convidara-o para a sua mesa. Mas ele desculpava-se humildemente, por

³ Cf. Chegwidde, James (1998) «Corpus Christi and St. Thomas», Universitas, Vol 2 No. 2

razão do trabalho que representava a Suma de Teologia, que estava a ditar nessa altura. Mas o rei e o prior do convento de Paris obtiveram do mestre, tão humilde como sublime na contemplação, que se inclinasse perante o desejo do rei. Deixou o seu estudo e, guardando no seu espírito os pensamentos que tinha formado, quando estava na sua cela, foi ter com o rei. Quando estava sentado à mesa, de repente, uma verdade da fé foi-lhe divinamente inspirada. Então bateu na mesa com o punho dizendo: “Desta vez é que está arrumada a heresia dos maniqueus!”. Então o prior disse-lhe tocando-lhe: “Tomai cuidado, mestre, pois estais na mesa do rei de França.” E puxou-lhe violentamente a capa, para fazê-lo sair da sua abstracção. «Então o mestre, parecendo recuperar os sentidos, inclinou-se diante do santo rei pedindo-lhe que lhe perdoasse ter tido tal distracção à mesa real. O rei ficou admirado e edificado pela conduta do mestre, pois este, que pertencia à nobreza, podia ter-se deixado encantar pelo convite real e ter-se distraído da sua contemplação. No entanto, foi a abstracção do espírito que o dominou, a ponto de os seus sentidos não conseguirem fazer descer o seu espírito das alturas onde se encontrava durante a refeição. O santo rei foi suficientemente avisado para não deixar perder a meditação que tinha assim absorvido o espírito do nosso doutor. Chamou então o seu secretário, para registar por escrito, na sua presença, o que o doutor guardava no segredo, embora nada se perdesse na memória do doutor daquilo que lhe era infundido pelo Espírito Santo – para que ele o conservasse. (Tocco c.XLIII)

A sua abstracção mental era tão grande que lhe acontecia não sentir as feridas corporais. Um dia em que, por ordem do médico, devia fazer-se uma cauterização na perna, disse ao companheiro: “Dize-me com antecedência quando chegará aquele que vai aplicar o fogo”. No momento do tratamento, ele preparou-se estendendo a perna na cama onde devia receber a cauterização, e depois elevou-se em tal abstracção que não sentiu nem a aplicação do fogo nem o cautério. A prova foi que ele não se mexeu no leito onde tinha estendida a perna. (...) Da mesma forma, em Paris, cada vez que tinha de suportar uma sangria, via-se que se separava dos sentidos pela contemplação do seu espírito, antes do cirurgião chegar para abrir as veias. Quem assim cortava a veia sem qualquer dificuldade, não podia atingir a imaginação do santo doutor, que se encontrava completamente desligada dos seus sentidos. Contudo, sendo muito sensível, as feridas físicas não deixavam de perturbá-lo. Mas, por milagre divino, foi-lhe concedido viver num corpo sensível, mas poder, por vezes, ser insensível à dor.» (Tocco c. XLVII)

Frei Raymond Étienne conta um facto muito semelhante, que soube do arcebispo de Cápua, discípulo dele. Um cardeal legado no reino e que tinha ouvido estes factos e outros, ainda, disse ao arcebispo: “Quereis ordenar que tenhamos uma conversa particular, entre esse mestre e eu?” Convocado, o mestre desceu do seu estudo, continuando na sua abstracção. Eles esperaram longamente que saísse desse estado. De repente, o nosso doutor mostrou uma cara que revelava a alegria da sua alma e disse: “Aqui está! Encontrei o que procurava!” Como ele não mostrava nenhum sinal de reverência a seu respeito, o cardeal começava a mostrar certa irritação. O arcebispo disse-lhe então: “Senhor, não vos espanteis. Ele está frequentemente tão absorvido que não fala, quaisquer que sejam as pessoas diante das quais se encontra!” E puxou-lhe violentamente pela capa. Então, parecendo acordar do sono da contemplação e, vendo que estava na presença de tão altos prelados, inclinou-se respeitosamente diante do senhor cardeal e pediu-lhe desculpa por ter estado absorvido tanto tempo e não lhe ter prestado as honras devidas. Como lhe perguntassem por que razão tinha uma cara tão radiosa durante a sua abstracção, respondeu: “Encontrei um belo argumento para uma questão sobre a qual longamente reflecti: o júbilo que mostrei reflectia a alegria da minha alma”» (Tocco c.XLIII)

«Cada dia, frei Tomás celebrava missa logo de manhãzinha na capela de S. Nicolau. Outro padre lhe sucedia imediatamente e celebrava por sua vez. Depois de ouvi-la, deixava as vestes [sacerdotais] e dava logo os seus cursos. Uma vez acabados estes, punha-se logo a escrever e a ditar a vários secretários. Depois comia, voltava à sua cela onde vagueava pelas coisas divinas até ao momento do repouso. Depois do repouso recomeçava a escrever e era desse modo que ordenava para Deus toda a sua vida» (Bartolomeu de Cápua em *Processus canonizationis S. Thomae*, Neapoli 77, citado em T. 356)

Conta um dos seus secretários, Even Garvith, um bretão da diocese de Tréguier que, depois de ter ditado a ele e a dois outros secretários, acontecia-lhe, fatigado pelo esforço do ditado, colocar-se em posição de repouso, mas continuando a ditar, mesmo a dormir. O referido secretário redigia por escrito o que ouvia da sua boca adormecida, continuando a matéria que antes escrevera enquanto ditara acordado. Era como se visse a sua alma administrar no corpo as forças sensitivas e libertar as intelectivas do peso da carne, para poder dizer: “Eu durmo, mas o meu coração vigia” (Ct 5, 2), pois mesmo enquanto dormia, o seu ócio era vigilante na contemplação de Deus» (Tocco c.XVIII, nº100)

Frei Reginaldo, seu companheiro, irrompendo em soluços e dizendo: “Irmãos, o meu mestre tinha-me proibido de revelar durante a sua vida os prodígios aos quais eu tinha assistido, quando era leitor no convento de Nápoles. E, entre estes, a sua ciência, admirável entre todas, que obtinha não apenas pela sua inteligência humana, mas pelos méritos da sua oração. Cada vez que queria estudar, disputar, ler, escrever ou ditar, começava por se retirar no segredo da oração, e rezava, banhado em lágrimas, para descobrir os segredos divinos. E pelos méritos da sua oração, saía instruído, com a resposta às questões sobre as quais antes se interrogava. E se alguma dúvida surgia antes de regressar ao seu oratório, punha-se a rezar, e o que era obscuro tornava-se claro, por um milagre divino. Os seus secretários revelaram igualmente que, enquanto escrevia o Comentário às Epístolas do bem-aventurado Paulo, em Paris, se encontrava dificuldades na exposição literal de uma passagem, mandava-os embora e fechava-se só na sua célula. Prostrado com a cara na terra, inundava o chão das suas lágrimas, até que, pelos méritos de S. Paulo, seu intermediário junto de Deus, o sentido desse texto se lhe tornava perfeitamente claro. Chamava então os seus secretários que começavam a escrever aquilo que Deus lhe tinha querido revelar. Era então que eles viam que o lugar onde se tinha prostrado para rezar estava inundado de lágrimas» (Tocco c. XXX).

Diz-se que quando o nosso doutor estava em Paris e devia, no dia seguinte, aclarar diante da universidade uma questão que ele tinha disputado na véspera, se levantava durante a noite para rezar como de costume. Apercebeu-se então que lhe tinha acabado de nascer na boca um dente supérfluo que o incomodava consideravelmente ao falar. Inquieto, deu parte disso ao seu companheiro. Como a hora não era propícia para obter um remédio, este sugeriu que se anunciasse no dia seguinte à universidade que o mestre tinha um impedimento e não podia de forma nenhuma pronunciar a sua resolução. E poderia então chamar-se alguém para arrancar o dente com um instrumento de ferro. Mas o doutor, que pensava na confusão que isso provocaria à universidade e nos perigos que poderiam sobrevir da extração do dente, disse ao seu companheiro: “Não vejo outro remédio senão confiar-me à divina Providência”. E dirigiu-se ao lugar onde costumava rezar. Rezando e chorando longamente, ele pediu o benefício desejado e entregou-se à divina Providência. Enquanto rezava com fervor, eis que, sem a menor dor e violência, ele tirou facilmente o dente supérfluo com uma simples pressão da mão. O nosso doutor ficou completamente liberto deste obstáculo à palavra! «Como lembrança deste benefício da misericórdia divina, ele trouxe consigo durante muito tempo o dente. O esquecimento, que faz nascer a ingratidão, não a fez desaparecer do seu espírito, e a confiança na sua oração, que tinha sido tão rapidamente atendida, tornou-se cada vez maior. (Tocco c. LI).

Um dia dois frades começaram a discutir no convento. Quando acabaram, um deles foi ter com frei Tomás e explicou-lhe a sua posição. Tomás, ouvindo-o, pacientemente, respondeu: “Tem razão, irmão. Tem mesmo muita razão!”. Daí a pouco veio o outro frade e explicou-lhe as suas razões, inversas às do primeiro. Tomás ouviu-o também pacientemente e no fim respondeu igualmente: “Tem razão, irmão. Tem mesmo muita razão!”. Um terceiro frade que assistia à cena, foi ter com frei Tomás e disse-lhe. “Como é isso, frei Tomás?! Veio um dos nossos irmãos dizer-lhe uma coisa, e o frei diz-lhe que ele tem razão. Vem depois o outro dizer-lhe o contrário, e frei Tomás diz-lhe que ele também tem razão. Como pode ser isto?” Frei Tomás ouviu-o ainda pacientemente e no fim respondeu: “Olhe, meu irmão, também tem razão. Tem mesmo muita razão!

Durante a semana santa, ele tinha pregado sobre a Paixão do Senhor em Roma, na igreja de S. Pedro, e tinha suscitado lágrimas na assistência. No seu sermão no dia da Ressurreição, ele exortou os fiéis a alegrar-se com a gloriosa Virgem pela ressurreição do seu Filho, tal como na véspera estavam unidos a ela nos sofrimentos da Paixão. Quando ele descia da cátedra depois do sermão, uma mulher, que sofria há muito tempo de perdas de sangue e que nenhum remédio da medicina conseguia aliviar, tocou na borda da capa do nosso doutor e sentiu-se imediatamente curada do seu mal. Ela seguiu-o até ao convento de Santa Sabina e fez saber ao companheiro do nosso doutor o benefício que tinha recebido. E ele contou-o muitas vezes e a numerosas pessoas em seguida. Feliz doutor, que se ilustrou por um milagre semelhante ao do Salvador, pelo qual o doente é curado quando toca na borda do vestido! Assim se manifestavam os grandes méritos da sua alma, pois tanta força se encontrava na sua capa para o testemunhar! (Tocco c. LIII)

Existe ainda nos arquivos da Universidade de Paris uma carta de 26 de Junho de 1259 em que o papa Alexandre IV escreveu ao bispo de Paris, Renaud de Corbeil, pedindo-lhe que castigasse severamente o bedel Guillot da nação picarda (um dos grupos da universidade). No Domingo de Ramos anterior atrevera-se a interromper mestre Tomás quando este pregava ao povo. O papa impunha penas severas, exigindo a excomunhão, perda de salário e a expulsão da função de bedel. Parece que a pena

nunca chegou a ser aplicada, pois, como sabemos, ele continuou em funções. Aliás, isso deve ter sido facilitado pelo facto de poucas semanas depois S. Tomás ter deixado Paris e partido para Itália.»⁴

Esteve em Paris a ensinar até 1259, data em que partiu para Itália. Em 1265, foi encarregado de fundar em Roma uma escola dominicana de Teologia, o que o ocupou até 1268, data em que regressou a Paris. A segunda regência em Paris durou até 1272, quando foi encarregado de novo de fundar uma escola de Teologia da sua Ordem. Desta vez, o capítulo da província dominicana de Roma dava-lhe total liberdade de escolha, e ele seleccionou Nápoles, onde começara os seus estudos. Além de ensinar, escrevia. O número de livros produzidos por Mestre Tomás é notável. A lista conta com 90 obras, desde os grossos trabalhos com vários volumes aos pequenos opúsculos. Este montante leva a muitas comparações surpreendentes. No período mais produtivo, os anos de 1271-72, escreveu por dia uma média equivalente a 12,5 páginas das nossas (A4) a um espaço (350 palavras por página). O trabalho era feito com a ajuda de secretários, dos quais o principal era o seu confessor, frei Reginaldo ou Reinaldo de Piperno (1230-1290). Era uma das poucas pessoas que conseguia ler a letra do Mestre, considerada ilegível, como se pode verificar, nos manuscritos que sobreviveram. S. Tomás era capaz de ditar simultaneamente obras diferentes a três ou até quatro secretários.

Passando todo o dia a rezar, ensinar, a escrever e a ditar, tinha de ter tempo para pensar, meditar e conceber as suas obras. Roubava-o ao sono. Temos muitos testemunhos que dizem que ficava de luz acesa até altas horas da noite, reflectindo nas questões e pedindo a Deus, com muitas lágrimas, iluminação para resolver algum problema mais difícil. Sabemos também que a resposta por vezes vinha em visões, como quando Reginaldo o surpreendeu conversando com S. Pedro e S. Paulo, que lhe explicavam o sentido das profecias de Isaías. Mas não se fique com a ideia que era uma pessoa abstrusa, aérea ou solitária. Quando era preciso, era capaz de ser pragmático, diligente e organizado. Há informações de complicadas tarefas administrativas e diplomáticas, referentes à família, que desempenhou, com eficácia e competência. S. Tomás não era o professor teórico, etéreo e misógino, como tantos o pretendem. Mas homem amável, atento e afável, que tomava conta dos seus, como de qualquer outra pessoa. E isso só aumentava ainda mais a carga de trabalho. O rei de França, o Mestre Geral da sua Ordem, o prior do seu convento e muita gente queria conselho sobre questões práticas.

Quando ele estava num barco com muitos irmãos da sua ordem e os marinheiros subiam o rio, e muitos deles, descendo na margem, puxavam o barco com muita dificuldade com ajuda de um cabo, S. Tomás disse, suspirando: “O género humano carece tanto de força que muitos homens mal conseguem puxar este navio, enquanto ele obedeceria ao comando de um só, se isso se conformasse à vontade do seu Deus”. E, ao fim de algum tempo, como os marinheiros estivessem fatigados, o santo compadecido disse aos companheiros: “Desçamos e ajudemos um pouco estes marinheiros”. E quando desceram, o mestre, sem nenhuma dificuldade, pôs-se a puxar sozinho, numa certa distância, o barco que muitos antes dificilmente conseguiam deslocar. Então os companheiros, admirando a distância percorrida, espantoso prodígio, puseram-se a rebocar com o mestre (Tocco c.XXXVIII)

Dispomos ainda de alguns dados historicamente bem atestados. A 10 de Setembro de 1272, o rei Carlos I fazia saber ao Administrador dos bens da Coroa que frei Tomás de Aquino tinha sido designado pelo seu cunhado, Roger d'Áquila, conde de Traetto, como seu executor testamentário. A este título, outro documento datado de 20 de Setembro, encarregava-o de distribuir pelos herdeiros, segundo as instruções do defunto, vários tipos de bens: mulas, jumentos, potros, selas, túnicas, samarras, trigo, etc. Alguns dias mais tarde, a 2 de Outubro, o rei escreve de novo ao mesmo Administrador que as instruções deixadas por Roger previam que Tomás ficasse encarregado de restituir as terras de que o defunto se tinha injustamente apropriado e que, para outras restituições, ele podia servir-se dos rendimentos dos

⁴ Cf. Jean-Pierre Torrell, *Iniciação a Santo Tomás de Aquino, Sua Pessoa e Obra* p.104

moinhos de Scauri. Estava pois autorizado a guardar esse dinheiro até que essas operações tivessem terminado e os funcionários da Coroa não deviam criar obstáculos à sua tarefa (...) Como se tratava de um grande do reino, o rei tinha já confiado a tutela dos quatro filhos ao “Mestre Procurador da Terra de Trabalho” mas, por razões facilmente compreensíveis, frei Tomás preferia que esse cargo ficasse na família. Foi pois procurar o rei em Cápua e obteve dele que a tutela fosse confiada a Roger de Sanseverino, conde de Marsico, o seu outro cunhado, que a exerceu conjuntamente com Adelásia, a mãe das crianças.» (Torrell p. 403-404) «Embora fosse estranho, em extremo, aos assuntos temporais e profanos, ele que estava inteiramente virado para as coisas divinas, dirigia, quando lhe pediam, as suas faculdades de reflexão para as decisões a tomar no exercício dos assuntos temporais. E dava então conselhos tão avisados e tão úteis que se diria ter requerido, para tal, a opinião de Deus. Diríamos, com efeito, que tinha como que miraculosamente sob os olhos todas as regras que presidem às decisões e acções humanas» (Tocco c. XXXV)

«Conta-se que um dia, quando ele vinha com os seus estudantes de Saint-Denis, onde tinha ido ver as relíquias dos santos e a santa abadia dos monges, e, quando via a cidade de Paris tão próxima, os estudantes disseram-lhe: “Mestre vede como é bela a cidade de Paris! Gostaríeis de ser dono dela?”. Eles esperavam assim ouvir da sua boca uma palavra edificante. Ele respondeu: “Preferia antes ter as homílias de S. João Crisóstomo sobre o Evangelho do bem-aventurado Mateus! Se esta cidade me pertencesse, ela afastar-me-ia, pelas preocupações da sua administração, da contemplação das coisas divinas, o que seria obstáculo à consolação da minha alma”» (Tocco c.XLII)

Reginaldo de Piperno revelou um prodígio espantoso acontecido com o nosso doutor. Quando este estava a compor o Comentário de Isaías, e iluminava, ao escrever essa exposição, os profundos mistérios dos livros do profeta, chegou a uma passagem que não compreendia. Como não conseguia encontrar um sentido literal que o satisfizesse, jejuou e rezou durante vários dias. E obteve, pelas suas instantes súplicas e devoção das suas orações, que a passagem difícil lhe fosse claramente explicada. Um dia em que tinha jejuado com grande devoção, o seu companheiro ouviu-o falar durante a noite. Ele não sabia se era com uma ou mais pessoas. Conseguia perceber algumas palavras, mas não compreender o sentido do colóquio. Acabada a conversa, o doutor disse ao seu companheiro: Reginaldo, meu filho, levanta-te e acende a candeia. Toma o caderno no qual anotaste o comentário de Isaías e prepara-te para retomar a escrita. E escreveu durante muito tempo o que o doutor lhe ditava com tanta facilidade como se lesse num livro. Ao fim de cerca de uma hora, este diz ao irmão que escrevia: Vai dormir agora, meu filho. O tempo de repouso está longe de ter acabado. Mas ele, que ardia para conhecer o prodigioso segredo do seu mestre, sobre a conversa havida que lho tinha revelado, pôs-se de joelhos aos seus pés e disse-lhe a chorar. Não me levantarei daqui antes que me tenhas dito com quem falastes tanto tempo esta noite. E pôs-se a suplicá-lo em nome de Deus. Tomás recusou muitas vezes revelá-lo, dizendo-lhe: Meu filho, tu não tens necessidade de o saber. Enfim, como ele lhe suplicava de novo, e como o nosso doutor não queria parecer desprezar o nome de Deus, pelo qual o seu companheiro tinha ousado conjurá-lo a falar, disse-lhe, lavado em lágrimas: Meu filho vistes o meu desgosto nos últimos dias por causa das dúvidas que tinha sobre este texto que acabo de explicar. Tinha pedido a Deus, com muitas lágrimas, que mo fizesse compreender. Eis que esta noite Deus, tendo piedade de mim, me enviou os bem-aventurados apóstolos Pedro e Paulo, que eu tinha tomado como intercessores junto d’Ele, e eles tudo me ensinaram perfeitamente. Mas, da parte de Deus, peço-te que nada reveles enquanto eu for vivo. (Tocco c. XXXI)

Um prodígio semelhante, mas ainda mais espantoso, foi observado no convento de Nápoles por frei Domingos de Caserta, sacristão, homem de uma grande devoção, de grande dedicação na acção e cuja virtude era reconhecida de todos. Este frade tinha, com efeito, notado que frei Tomás deixava sempre o seu lugar de estudo antes das matinas, para descer à igreja e que, para não ser visto pelos outros, se apressava a retornar ao seu quarto quanto tocava o sinal das matinas. Tomado de curiosidade, decidiu um dia observá-lo. Entrou por detrás na capela de S. Nicolau, onde se demorou, mergulhado nas suas orações, e viu-o elevar-se nos ares, a dois côvados do chão. Enquanto estava a olhá-lo, cheio de admiração, ouviu de repente, do lugar para onde o doutor se tinha virado para rezar com lágrimas, uma voz emanando do crucifixo que dizia: “Tomás, tu escreveste bem sobre mim. Que receberás tu de mim como recompensa pelo teu trabalho?” (Thoma, bene scripsisti de me, quam recipies a me pro tuo labore mercedem?). Ele respondeu: “*Nada, senão Vós, Senhor!*” (Domine, non nisi te!). Ele escrevia então a terceira parte da Suma, sobre a Paixão e a Ressurreição de Cristo. Depois disto, não escreveu muito mais, por causa das maravilhas que Deus lhe tinha revelado de forma admirável. O facto de Deus lhe ter perguntado já que recompensa desejava receber pelo seu trabalho era um sinal muito claro de que ia em breve deixar de escrever. E a recompensa que ele pediu era mesmo aquela que lhe convinha: repousar-se das suas fadigas na pátria d’Aquele que o tinha encantado com tal doçura na vida ao longo do seu

trabalho de escrita. Porque ele tinha compreendido muito mais coisas que todos durante a sua vida e foi digno de ver mais claramente que muitos outros quando morreria.» (Tocco c. XXXIV)

Quando celebrava missa na capela de S. Nicolau, Tomás sofreu uma transformação espantosa. Depois dessa missa não escreveu mais nem nunca mais ditou o que quer que fosse e até deixou o seu material de escrita. Estava nessa altura na terceira parte da Suma, no tratado da Penitência. A Reginaldo estupefacto, pois que não compreendia porque razão abandonava a sua obra, o Mestre respondeu simplesmente “Não posso mais”. Voltando à questão um pouco mais tarde, Reginaldo recebe a mesma resposta “Não posso mais. Em comparação com o que vi, tudo o que escrevi me parece palha”» (Bartolomeu de Cápua em *Processus canonizationis S. Thomae, Neapoli 87*, citado em T. 424. Cf. Tocco c.XLVII)

Nitidamente, além da visão sobrenatural, haveria certamente um profundo esgotamento cerebral, fruto de anos seguidos de trabalho intenso e contínuo. Se antes era cheio de energia, agora caiu na cama e foi descansar para o castelo de S. Severino, a sul de Nápoles, pertença de sua irmã Theodora, condessa de Marsico. No fim do ano o Mestre regressou a Nápoles, onde recebeu ordem do papa Gregório X (1271-1276) para se deslocar ao decisivo 2º concílio de Lião, que trataria das relações com as igrejas orientais. Frei Tomás, apesar do seu estado, obedeceu prontamente e pôs-se a caminho. E, perto de Teano, sofreu um acidente. Absorvido, como sempre, em meditação, não viu um tronco no meio da estrada, bateu fortemente com a cabeça e caiu. Embora atordoado, assegurou que estava bem e continuou. Poucos dias depois chegaram ao castelo de Maenza, onde vivia a sua sobrinha Francisca, condessa de Ceccano. Foi aí que caiu doente.

«Depois o nosso doutor partiu para o concílio geral que devia ter lugar em Lião, respondendo ao apelo do papa Gregório X. Levava consigo a obra que tinha composto contra os gregos a pedido do papa Urbano IV (1261-1264), a fim de os convencer dos seus erros e da maldade da sua heresia cismática. «Estava ele a passar pela Campânia e pelo castelo de Maenza, que pertencia a D. Francisca, sua sobrinha. Ali caiu doente e perdeu o apetite, a ponto de não conseguir ter prazer em nenhum alimento. João di Guido, médico de Piperno, perguntou-lhe se tinha vontade de alguma comida em particular, ele respondeu que não poderia engolir nada, a não ser arenques que tinha comido em França. O médico temia não poder fornecer este remédio ao seu doente, doutor eminente, porque esta espécie de peixe era impossível de encontrar. «Indo à praça da aldeia, encontrou alguém que chegava de Terracina com um carregamento de sardinhas acabadas de pescar. Quando este homem as colocou no chão para ver se alguns outros peixes não se teriam misturado às sardinhas, descobriu, no lugar das sardinhas, um cesto cheio de arenques frescos. O médico ficou estupefacto, porque nunca tinha visto tais peixes na região. Além disso o portador dos peixes não deixava de afirmar que eram sardinhas que tinha comprado. Todo contente, fez levar os peixes ao mestre, pensando reconfortá-lo graças ao alimento que desejava, e que lhe tinha sido miraculosamente dirigido. Mas o nosso doutor, na sua sabedoria e consciência – maior nele que nos outros – da grandeza do desígnio divino, viu que um grande milagre tinha sido concedido ao seu apetite pela divina misericórdia. Mas recusou comer os peixes que lhe eram oferecidos, dizendo ao médico: “Mestre é melhor que eu me entregue à divina Providência, do que ouse comer estes peixes que me foram concedidos pelo poder divino. Desejei-os com demasiada cobiça”. Numerosos foram os que comeram desses peixes e muitos os que, ainda, vivos ouviram o relato do médico. Por isso o milagre permaneceu conhecido em toda a região.

Ainda recuperou e voltou ao caminho, mas teve imediatamente de parar, na abadia do mosteiro cisterciense de S. Maria de Fossanova, na Campania, onde morreu a 7 de Março de 1274, quarta-feira da terceira semana da Quaresma. O seu confessor disse depois que a confissão geral que fez, pouco antes da morte, era a de uma criança de cinco anos.

Depois, fortalecido por alguns remédios, viu-se em condições de retomar o caminho para Roma. Passando pela abadia de Fossanova, como fosse convidado pelo abade e os monges, e como queria refazer as forças durante alguns dias, entrou nela, acompanhado por escolta de numerosos monges que o tinham vindo acolher. Passou primeiro pela igreja, e depois, após se ter prostrado respeitosamente como devia diante do altar, chegou ao claustro. E aí a mão de Deus pousou sobre ele. Tocado pelo espírito de profecia,

disse aos numerosos monges que o escutavam e aos frades da sua Ordem – particularmente ao seu companheiro, a quem tinha o hábito de fazer tais revelações: “Reginaldo, meu filho, aqui é o meu repouso pelos séculos dos séculos; aqui habitarei porque o escolhi (cf. S.l. 132 (133), 14)”. Depois de ter assim profetizado a sua morte, os assistentes, e particularmente os irmãos da sua Ordem, começaram a lamentar-se. O nosso doutor foi instalado no quarto do abade e, como o exigia a situação, os seus companheiros reunidos prodigalizaram-lhe os seus cuidados com uma piedosa caridade. Como devia permanecer no leito durante muitos dias e o seu estado se agravava, os monges começaram a servi-lo com respeito e humildade. Até traziam, aos seus ombros, a madeira da floresta, considerando-se felizes por poder prestar serviço ao santo doutor que, ainda vivo, avançava para o Reino. Considerando no que lhe dizia respeito e compadecido dos outros, dizia: “Como é que os servidores de Deus me servem a mim, homem, e se dão ao trabalho de trazer de longe tão pesados fardos?”. Apesar da sua fraqueza – pensava-se com efeito que ele ia abandonar esta vida, como o tinha profetizado –, alguns monges, capazes de compreender, pediram-lhe que lhes deixasse ao partir uma recordação da sua ciência. Ele expôs-lhes então brevemente o Cântico dos Cânticos. Assim, no momento em que o seu corpo enfraquecido ia deixar a vida mortal, a sua alma, essa não enfraquecia no acto necessário do ensino. E o estudo da disciplina eclesiástica terminava por um cântico à glória do Céu. Convinha muito que o nosso doutor, a ponto de sair da prisão do corpo, terminasse o seu estudo da sabedoria pelo Cântico do amor entre o esposo e a esposa. Tal como aplicara o seu estudo a Deus, neste abraçou o Bem-amado.»

Depois começou a sofrer de uma extrema fraqueza. Sabendo que ia deixar esta vida, com uma grande devoção pediu que lhe trouxessem o viático do viajante cristão, o Santíssimo Sacramento do Corpo de Cristo. O abade e os monges trouxeram-n’O com piedade e respeito. Então, estendido por terra, fraco de corpo, mas forte de espírito, foi ao encontro do seu Senhor. Apresentaram-lhe o Santíssimo Corpo do Senhor, perguntaram-lhe, como se faz a todo o cristão para se assegurar da sua fé neste sacramento essencial, se ele acreditava que esta hóstia consagrada era o verdadeiro Corpo do Filho de Deus, que nasceu das entranhas da Virgem Maria e foi suspenso do patíbulo da cruz, que morreu por nós e ressuscitou ao terceiro dia. Ele respondeu com uma voz clara e vibrante devoção, deitando lágrimas: “Se nesta vida pode haver sobre este Sacramento uma ciência maior que aquela que nos é dada pela fé, nesta eu respondo que sei verdadeiramente, e com toda a certeza que este Deus é verdadeiramente homem, Filho de Deus Pai e da Virgem mãe. Creio de todo o meu coração e confesso pela minha boca o que o padre afirmou acerca deste Santíssimo Sacramento.” Pronunciou então as palavras cheias de piedade, que os presentes não puderam reter e que foram, segundo dizem, estas:

«Sumo te pretium redemptionis anime mee, sumo te viaticum peregrinationis mee, pro cuius amore studui, vigilavi et laboravi; te predicavi, te docui, nichil umquam contra te dixi, sed si quid dixi, ignorans dixi nec sum pertinax in sensu meo; sed si quid male dixi de hoc sacramento et aliis, totum relinquo correctioni sancte Romane Ecclesie, in cuius obedientia nunc transeo ex hac vita»

«Recebo-Te a Ti, preço da redenção da minha alma. Recebo-Te a Ti, viático da minha peregrinação, por cujo amor estudei, vigiei, trabalhei, preguei e ensinei. Nunca disse nada contra Ti. Se o fiz, foi por ignorância, e não sou persistente na minha opinião. Mas o que de mal eu disse deste sacramento ou de outras coisas, tudo entrego à correcção da santa Igreja Romana, de cuja obediência eu nunca me desviei nesta vida»

Adoro te devote, latens Deitas,
Quæ sub his figuris vere latitas:
Tibi se cor meum totum subiicit,
Quia te contemplans totum deficit.

Visus, tactus, gustus in te fallitur,
Sed auditu solo tuto creditur.
Credo quidquid dixit Dei Filius:
Nil hoc verbo Veritatis verius.

In cruce latebat sola Deitas,
At hic latet simul et humanitas;
Ambo tamen credens atque confitens,
Peto quod petivit latro pœnitens.

Plagas, sicut Thomas, non intueor;
Deum tamen meum te confiteor.
Fac me tibi semper magis credere,
In te spem habere, te diligere.

O memoriale mortis Domini!
Panis vivus, vitam præstans homini!
Præsta meæ menti de te vivere
Et te illi semper dulce sapere.

Pie pellicane, Iesu Domine,
Me immundum munda tuo sanguine.
Cuius una stilla salvum facere
Totum mundum quit ab omni scelere.

Iesu, quem velatum nunc aspicio,
Oro fiat illud quod tam sitio;
Ut te revelata cernens facie,
Visu sim beatus tuæ gloriæ.
Amen

Como tantos sinais e provas de santidade tinham acompanhado a morte do nosso doutor, D. João de Ferentino, subprior da abadia, que sofria dos olhos a ponto de mal poder ver, fez-se conduzir perto do corpo do nosso santo. Prostrou-se a seus pés com respeito e devoção, e colocou-se contra o cadáver. Depois, colocando a sua cara sobre a cara do santo, rezou a Deus que pelos méritos do doutor ao qual se tinha dedicado nas suas orações, a luz de que tinha sido privada lhe fosse restituída. Imediatamente recuperou a vista, gritando: “Bendito seja Deus, graças aos méritos do santo, a vista foi-me perfeitamente restituída!” Convinha que Deus concedesse a luz àquele que pedia a luz, pelos méritos do santo. Porque Ele tinha permitido a este que passasse desde a sua morte para a luz da glória em que Ele vive pela eternidade.» (Tocco c. LXI)

Quando abriram o túmulo com instrumentos de ferro, muito tempo depois do dia da sua exumação, soltou-se um odor tal que não parecia que se tivesse aberto um túmulo contendo restos humanos, mas um armário contendo perfumes. O odor era tão forte que se espalhou tanto pelo mosteiro, que todos os monges, acordados por este milagre, precipitaram-se, sem mais sinais, na sua direcção. Os despojos do doutor inumado foram-lhes mostrados e eles viram que o próprio corpo, assim como o vestuário, a capa e a carapuça, o hábito da sua Ordem, nada tinha mudado. (Tocco c. LXVI)

Catorze anos depois da morte, D. Teodora, sua irmã, pedira a Pedro de Monte San Giovanni, abade do mosteiro, que lhe desse, como relíquia, a mão do direita de seu irmão. Fora, então ao túmulo e novamente um poderoso odor se libertou, como da primeira vez. E, como antes, os monges descobriram os despojos intactos – quer o corpo, quer o tecido do hábito – à excepção da ponta do nariz que estava um pouco roída depois de todo este tempo.» (Tocco c. LXVIII)

O senhor Pedro Sanguineo de Terracina, camareiro de senhor Panolfo de Savelli que inquiria os milagres acontecidos, graças aos méritos de S. Tomás, na abadia de Fossanova e arredores, tinha prometido levar à Cúria, em nome dele, o livro que tinha sido composto por esse notário sobre os milagres submetidos a inquérito e de o apresentar ao papa. Mas tomado de medo bem humano, começou, assustado, a perguntar a si mesmo porque tinha de se expor assim ao mar, ao perigo dos piratas, às ondas incertas, às tempestades marinhas, se estava em segurança em terra. E ao pensar nisto, um pequeno passarinho da floresta entrou com confiança no quarto e pousou no cabide de vestiário. Ele admirou-o muito tempo, surpreendido pela sua segurança, depois aproximou-se e apanhou-o, tal como um animal doméstico que nada temesse. Ficando na sua mão sem a mínima palpitação de medo, o pássaro mostrou que tinha sido enviado para trazer ao seu espírito perturbado a decisão definitiva, a fim de que o homem não temesse enfrentar o que vinha de Deus. Era o que queria significar a confiança do passarinho sem medo. Quando ele o foi pousar, tranquilo, na mão do senhor Savelli, ambos admiraram tal sinal de confiança, vindo do exterior, e tornaram-se ainda mais devotos dos méritos do santo. O mensageiro fez-se à viagem, muito alegre, e o seu mestre rezou para que ele a fizesse com sucesso. (Tocco c. CXXXIX).

Mas como se diz do Unicórnio que pondo o seu corno nas águas e delas bebendo, logo os outros animais bebem com segurança, sem receio de veneno, assim se pode beber das fontes de S. Tomás e ter por segura a doutrina que ele aprova. E não só é clara, limpa e pura, esta água e dá saúde aos que dela bebem! Mas também é medicina contra o veneno e antídoto contra a intoxicação herética, pois que todas perdem força ou não poderão danificar e contrariar os princípios e fundamentos incontestáveis da sua doutrina.

HISTÓRIA E LEGENDA

Nascido próximo de Aquino, na Campânia, em 1225, iniciou como oblato no mosteiro de Monte Cassino, mas continuou os seus estudos em Nápoles, onde no ano 1243, contra a vontade da sua família, ingressou na ordem dos dominicanos.

Discípulo de Alberto Magno em Colónia e em Paris, em 1252 professou como teólogo na Sorbonne e teve uma segunda residência em Paris entre 1269 e 1272. Morreu em 1274 aos quarenta e oito anos de idade na abadia cisterciense de Fossanova, quando se dirigia para o concílio de Lyon.

A sua obra-prima é a *Summa theologica* que lhe valeu o título de *Doutor angelicus, Scholarum princeps, Lumen Ecclesiae*.

A sua biografia foi engalanada com numerosas legendas que inspiraram os artistas. Um ermitão anunciou a sua mãe que o filho que ia dar à luz converter-se-ia num grande santo. Com um tição aceso expulsou uma mulher impúdica que entrara no seu quarto para seduzi-lo. Dois anjos cingiram-no com um cinto da castidade para protegê-lo, daí em diante contra as tentações da carne. Apeteciam-lhe os arenques frescos como os que comera em Paris. Um pescador de Terracina obteve-os, muito embora essa espécie piscícola fosse desconhecida nessas terras. Um monge dominicano da cidade de Brescia viu-o aparecer junto a santo Agostinho, com o peito adornado com um grande carbúnculo (um rubi) que iluminava a Igreja.

CULTO

Canonizado em 1323 pelo papa francês de Avinhão, João XXII, é uma glória da ordem dos dominicanos, que o honrava como o quinto Doutor da Igreja latina.

Em 1369 o seu corpo foi trasladado para a igreja dos dominicanos de Toulouse, casa matriz da ordem. O monumento fúnebre que se erigiu pouco depois da trasladação das suas relíquias, em 1629 foi substituído por um novo mausoléu. O Papa Urbano V concedeu o seu braço direito ao convento de Saint Jacques de Paris, daí a denominação jacobinos (Jacobins) que se deu aos dominicanos. Em 1567 el papa Pio V decretou que a Igreja, a partir de então, venerava S. Tomás de Aquino que receberia o mesmo culto dado aos Padres da Igreja. Assim se explica o quadro de Zurbarán que se conserva no Museu de Sevilha, onde é representado de pé entre os quatro doutores da Igreja latina: santo Ambrósio, santo Agostinho, são Gregório Magno e são Jerónimo.

Particularmente venerado em Nápoles, era o patrono não só da ordem de S. Domingos, mas dos *teólogos* em geral, das escolas e das universidades católicas. Os livreiros e fabricantes de lápis (de cor) também se puseram sob sua protecção.

Em Espanha, o convento dos dominicanos de Ávila que os Reis católicos mandaram construir, foi posto sob sua advocação. Também era invocado como protector da castidade, de acordo com o episódio da legenda. E ao seu cinturão que se diz se conserva em Vercelli se atribui uma força para apaziguar os ardores lascivos (*omnem libidinis motum*).

ICONOGRAFIA

Segundo os testemunhos de seus contemporâneos e o seu retrato do Monte Cassino, seria muito corpulento, e até obeso. Todavia os artistas o adelgacaram para idealizá-lo, como o fizeram com o franciscano Santo António de Pádua. Comprazeram-se em representá-lo entre Aristóteles e Platão, pontapeando o herético árabe Averroes. Sobre a túnica leva o *cinturão da castidade* (*cingulum castitatis*), que dois anjos lhe colocaram.

Seus atributos habituais são a *pomba* do Espírito Santo, que lhe fala ao ouvido, um emblema que partilha com o Papa S. Gregório Magno, uma *estrela* ou pequeno sol que, aludindo à visão do monge de Brescia, brilha como um carbúnculo sobre o seu peito ou sobre o seu ombro direito. Embora infrequente, em certas representações segura uma *maquete de igreja*, que significa que está situado entre os grandes doutores da Igreja ou um cálice e um lírio. Às vezes, como alusão ao seu título de *Doctor angelicus*, é representado com *asas*, ou, porventura, por causa da confusão com o pregador dominicano S. Vicente de Ferrer.

1. Figuras

Século XIV: Fresco do convento de Santa Maria di Gradi, Viterbo. **Século XV:** Fra Angelico dá-lhe um lugar na Coroação da Virgem. Originário da abadia de Fiesole (Museu do Louvre). Num dos frescos do convento de S. Marco, em Florença, S. Tomás está representado junto de Sto. Agostinho diante do trono da Virgem. - Fra Carnevale. Museu Poldi Pezzoli, Milão. O santo

é muito gordo e barrigudo, não se o idealizou de maneira alguma. - Justo de Gante. Retrato pintado c. 1470 para a Biblioteca Ducal de Urbino. Museu do Louvre. S. Tomás conta seus argumentos com os dedos (cômputo digital). **Século XVI:** Rafael. Disputa do Santo Sacramento. Estância do Vaticano. **Século XX:** Marcel Gimond. Estátua. 1938. Museu de Arte Moderna, Paris.

Os *três santos Tomás*, o apóstolo, Tomás Becket e Tomás de Aquino, por vezes aparecem agrupados, como os dois santos João e os dois Santiago.

2. Ciclos narrativos

Século XV: Retábulo dos três santos Tomás na igreja de Sankt Jurgen (S. Jorge) de Wismar. A estátua de S. Tomás de Aquino ocupa o centro do retábulo, entre S. Tomás apóstolo e S. Tomás Becket. Sobre os postigos pintaram-se numerosas cenas da sua legenda: S. Tomás de Aquino ingressa no mosteiro de Monte Cassino; seus irmãos se detêm no caminho para Paris; S. Tomás regressa ao convento dos dominicanos de Nápoles; expulsa da sua cela uma mulher que o queria seduzir; um pescador lhe oferece arenques frescos que S. Tomás tem desejos de comer. - Outro ciclo da escola alemã na igreja dos dominicanos de Ratisbona (c. 1500), mostra as seguintes cenas: S. Tomás de Aquino de pé junto da cátedra de Alberto Magno; sentado à mesa com S. Luís rei; a Morte de S. Tomás de Aquino; a sua Aparição a um monge, junto com santo Agostinho. **Século XVI:** Pedro Berruguete. Retábulo gigantesco pintado em 1510 para o convento de S. Tomás de Aquino, em Ávila: S. Tomás recebe o hábito dos dominicanos: está em oração diante de um crucifixo; os anjos cingem-no com um cinturão da castidade: milagre póstumo na sua capela funerária em Fossanova.

3. Cenas

A Tentação de S. Tomás de Aquino

Fr.: La Tentation de saint Thomas d'Aquin. Al.: Die Versuchung des hl. Thomas von Aquino.

Século XIV: Escola florentina. Dois anjos levantam o seu manto negro para cingir-lhe o cinturão da castidade. A mulher sedutora põe-se em fuga. Museu de Berlim. **Século XVII:** Velázquez. Palácio Episcopal de Orihuela, província de Alicante. - Gaspard de Crayer. 1644. Igreja de S. Salvador, Bruges. - C. Boel. Gravado.

Dois anjos cingindo o cinturão da castidade a S. Tomás

Fr.: Saint Thomas en prière, recevant la ceinture de chasteté. Ingl.: St. Thomas Aquinas at prayer receiving the girdle of chastity. Al.: Die Gürtung des hl. Thomas durch zwei Engel. Hol.: Omgording van s. Thomas.

Século XV: Sassetta. Museu Budapest. **Século XVI:** Pedro Berruguete. Retábulo de Ávila. **Século XVII:** Nicolás Tournier de Toulouse. A Castidade de S. Tomás de Aquino.

S. Tomás de Aquino à mesa de S. Luís rei.

It.: San Tommaso alla mensa di San Luigi. Fr.: Saint Thomas d'Aquin à la table de saint Louis. Ingl.: King Louis and Thomas Aquinas dining. Al.: Der hl. Thomas von Aquino an der Tafel des Königs Ludwig des Heiligen.

Século XVI: Nicolás Manuel Deutsch. Museu Basileia. - Domenico Morone. Palacio de Ripaille (Saboya).

A visita de S. Tomás a S. Boaventura.

Veja-se *Boaventura*. Tomo 2/Volume 3, págs. 251-254.

A glória de S. Tomás de Aquino

Fr.: Le Triomphe de saint Thomas d'Aquin. Ingl.: St. Thomas Aquinas in glory.

Para além das cenas e dos ciclos narrativos, os conventos da Ordem dos dominicanos encomendaram aos pintores «*ad majorem ordinis Praedicatorum gloriam*», numerosas alegorias triunfais onde o *Doutor angélico* reina no meio de um cortejo de santos, de doutores da igreja ou filósofos pagãos, os quais, deslumbrados, prestam homenagem à sua ciência inigualável.

Século XIV: Francesco Traini. Quadro de altar pintado em 1345 para a igreja dominicana de Santa Catarina, em Pisa. S. Tomás está sentado tendo sobre os joelhos a *Summa theologiae* donde saem raios luminosos. Ao seu lado estão Platão e Aristóteles que lhe mostram as suas

obras; a seus pés, Averróis, vencido. - Andrea da Firenze. Fresco da capela dos Espanhóis na basílica de Santa Maria Novella. Florencia; 1370. S. Tomás com a *Suma Teológica*, o volume aberto sobre os joelhos, reina entre os quatro evangelistas e os representantes do Antigo e do Novo Testamento: Moisés e S. Paulo. Aos seus pés há três hereges vencidos, que S. Tomás derrotou: Arrio, Averróis e Sabélio. No registo inferior se alinham os símbolos das artes liberais, personificadas pelos seus mais ilustres representantes, cristãos e pagãos. **Século XV:** Filippino Lippi. Fresco da capela Caraffa, 1489. Igreja dominicana de Santa Maria sopra Minerva, Roma. - Benozzo Gozzoli. Quadro pintado para a catedral de Pisa. É uma repetição, com algumas variantes, do esquema da composição de Francesco Traini: S. Tomás de Aquino reina entre Aristóteles e Platão e calca Averrois. Mas, acima de si, aparece Cristo, numa mandorla para dar a aprovação ao seu intérprete, dizendo: *Bene scripsisti de me, Thoma*. **Século XVII:** Zurbarán. Quadro pintado para o colégio de S. Tomás de Sevilha, 1631. S. Tomás flutua de pé entre nuvens e entre os quatro doutores da Igreja. A pomba do Espírito Santo inspira-o. Em terra estão ajoelhados frente a frente o imperador Carlos V e o arcebispo de Sevilha. Museu de Sevilha.

Breve Biografia de S. Tomás de Aquino

<http://www.salverainha.com.br/downloads/Episodios-da-vida-de-sao-tomas-de-aquino.pdf>

Iconografia del arte cristiano, Louis Réau, Tomo 2 /Vol 3, 1998 Ediciones del Serbal, Barcelona

Flos Sanctorum, Pedro de Ribadeneira, Tomo I, pp. 415-427, Barcelona 1790

São Tomás de Aquino, G. K. Chesterton, Aletheia Editores Lisboa, 2012

MA